

# **LAS IMÁGENES QUE RELAMPEJAM: RECUERDOS DE LAS LUCHAS SOCIALES DE LOS TRABAJADORES DE LA CAÑA DE AZÚCAR EN LOS IMAGINARIOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDIANTES, EN SÃO PAULO.**

Sistematización de procesos de investigación - acción y/o de intervención social  
GT 9 - Estructura social, dinámica demográfica y migraciones

Rafael Aroni, professor de Sociologia PEB II da Rede Pública do Estado de São Paulo.  
rafaroni1@gmail.com

## **Resumen**

Recientemente, el Estado de São Paulo se observó disminución progresiva de puestos de trabajo de “canavieiros”, trabajadores de corte de la caña de azúcar, la influencia de la mecanización y el Protocolo Agroambiental Sector Caña Paulista de 2008. Frente a la ideología del progreso que opera mediante procesos de borrado lucha entre el capital y el trabajo, se ha propuesto el desafío de examinar la memoria colectiva de las luchas sociales emprendidas por la clase, en la década de 1980. Objetivo del proceso de recordar la huelga de los trabajadores de la caña de 1986 en la ciudad de Leme / SP, a partir de imágenes sociales aprendidas por los estudiantes de secundaria, algunos niños de la primera o segunda generación de trabajadores rurales. La metodología fue la investigación y los informes periódicos de lectura del plazo para la elaboración de murales y paneles de ideas.

**Palabras clave:** huelga de trabajadores de la caña, el recuerdo, la sociología enseñanza.

## **IMAGENS QUE RELAMPEJAM: REMINISCÊNCIAS DAS LUTAS SOCIAIS DOS CANAVIEIROS NOS IMAGINÁRIOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS NO INTERIOR PAULISTA.**

Sistematización de procesos de investigación - acción y/o de intervención social  
**GT 9 - Estructura social, dinámica demográfica y migraciones**

## **Resumo**

Recentemente, no Estado de São Paulo observa-se progressiva diminuição dos postos de trabalho de canavieiros, influenciada pela mecanização e pelo Protocolo Agro-Ambiental do Setor Canavieiro Paulista, de 2008. Frente à ideologia do progresso que opera pelo apagamento de processos de embate entre capital e trabalho, aventou-se o desafio de perscrutar a memória coletiva sobre as lutas sociais, empreendidas por essa categoria, na década 1980. Objetivou-se o processo de rememoração da greve dos trabalhadores canavieiros de 1986, no município de Leme/SP, a partir das imagens sociais aprendidas por estudantes secundaristas, alguns filhos da primeira ou segunda geração de trabalhadores rurais. A metodologia empregada foi a pesquisa e leitura de matérias de jornais do período para a elaboração de murais e painéis de ideias.

Rafael Aroni, professor de Sociologia PEB II da Rede Pública do Estado de São Paulo.  
rafaroni1@gmail.com

**Palavras-chaves:** greve de canavieiros, rememoração, ensino de sociologia.

## I – Introdução

A década de 1980 foi marcada por lutas sociais no meio agrário paulista, dentre elas, o motim dos trabalhadores rurais canavieiros de Guariba, em 15 de maio de 1984. Fato social abordado na sociologia rural pela perspectiva de proletarização e sindicalização dos trabalhadores rurais. Entretanto, aventa-se a hipótese da necessidade de estudos sobre como a tradição de lutas camponesas, por exemplo, nos eventos dos saques as feiras, comuns no interior do Sertão Nordestino, em momentos de carestia, como no final da década de 1970, podem ter influenciado este contexto. Como já dito, é comum aos trabalhos acadêmicos apresentarem a importância daquelas lutas travadas como experiências irradiadoras da sindicalização para a mobilização de outras greves de trabalhadores rurais como as dos municípios de Leme, Araras, Serrana (BERTERO, 1995).

Neste artigo são apresentados resultados do projeto intitulado de *Memória Viva das Lutas dos canavieiros de Leme*, cuja proposta buscou a rememoração das lutas canavieiras, empreendidas na década de 1980, no município de Leme, Estado de São Paulo. Amparado no referencial teórico do materialismo histórico de Walter Benjamin, remete-se as reflexões do imaginário sociológico em se acessar formas de se reconstruir a memória, pelas atuais gerações de estudantes secundaristas, deste embate entre capital e trabalho. Ressalta-se que alguns estudantes, são descendentes de trabalhadores rurais que participaram daquelas lutas sociais. Trabalha-se com a hipótese de perscrutar se a greve canavieira ainda permanece no imaginário cotidiano, e quais seriam as contribuições daquele fato para formação do imaginário sociológico de novas gerações de estudantes de em uma escola pública<sup>1</sup>?

Assim, um dos objetivos do presente trabalho é identificar se permanecem reminiscências das lutas sociais ocorridas, e como podem ser construídos processos de mediação de relatos intergeracionais, sobre a greve de 1986, a partir de pesquisa dos estudantes da escola pública em Leme/SP.

Como dito, essas questões e proposições estão fundamentadas teoricamente pelo materialismo histórico de Walter Benjamin, pela rememoração de Paul Ricouer, em que não se nega as reminiscências das subjetivas pesquisadas na objetivação da história, e amparado também pela metodologia didática de composição de painéis de ideias (ANTUNES 2010).

As atividades pedagógicas realizadas foram: 1) a apresentação e construção do conhecimento sobre a metáfora do anjo da história proposto por Walter Benjamin, a partir da obra *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee; 2) leitura de trecho *Memória Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis, sobre o encontro do personagem com Pandora; 3) posterior vinculação dos vídeos: *Califórnia Brasileira* e *Guariba 1984*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves; 4) leitura e análise de texto de dez reportagens do jornal Folha de S. Paulo e do Processo Penal, instruído para apuração dos fatos, os quais retrataram os fatídicos acontecimentos da greve de Leme, do dia 11, de julho, de 1986. Naquele dia ocorreu o conflito entre aproximadamente 162 policiais militares que cumpriam a ordem de *habeas corpus* preventivo para livre circulação dos ônibus que transportavam os trabalhadores que não aderiram à greve, frente aos piquetes realizados por aproximadamente 600 trabalhadores canavieiros grevistas. O embate vitimou os

---

<sup>1</sup> Escola Estadual Newton Prado, estudantes do 2º e 3º colegiais.

jovens Orlando Correa (Trabalhador Rural, branco, 22 anos) e Sibebe Aparecida Manoel (Trabalhadora Doméstica, negra, 17 anos), ambos atingidos por projéteis de arma de fogo, e feriu gravemente 8 trabalhadores também por arma de fogo. Outros 10 grevistas, entre trabalhadores, dirigentes sindicais e políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores (na ocasião estavam presentes José Genuíno, então deputado estadual, Djalma de Souza Bonn, deputado federal) apresentaram contusões e escoriações.

Assim, ao se sondar a memória coletiva sobre os polêmicos acontecimentos daquele movimento grevista, buscou-se identificar se eles ainda permanecem presentes no cotidiano da memória coletiva da cidade, e como podem ser construídos os relatos intergeracionais, a partir das ações em se despertar o imaginário sociológico de estudantes secundaristas. O percurso relatado buscou caracterizar os processos possíveis de como os próprios estudantes puderam construir a história deste fato, com pesquisas junto a fontes primárias, sujeitos que participaram do movimento grevista, e fontes secundárias como reportagens de jornais.

Partiu-se da perspectiva da rememoração do tema da greve, como uma prática pedagógica com potencial de instrumentalizar as novas gerações, principalmente pelo fato delas estarem desconectadas das memórias dessas lutas históricas. Outra faceta importante deste fenômeno de desconexão são os desafios sociais que se avolumam, com a perspectiva do fim do trabalho canavieiro, e elevação da taxa de desemprego<sup>2</sup> concomitante a situações de precarização de relações de emprego e informalidade, nas famílias de alguns destes estudantes.

## II – Das reminiscências à memória

Nesta apresentação buscou-se partir da orientação do trabalho do sociólogo enquanto mediador entre as reminiscências da greve, cristalizadas nos jornais e processo judicial, e as imagens das memórias produzidas pelos jovens de escolas públicas sobre esse acontecimento.

Os fundamentos teóricos para construção deste processo parte da sexta tese proposta por Walter Benjamin, sobre o processo do materialismo histórico em se trabalhar com as reminiscências. Portanto, buscaram-se os significados em vestígios do presente, das derrotas e opressões sofridas em lutas sociais do passado. Principalmente, ao reintroduzir conhecimentos dessas memórias que são gradualmente apagadas, mas que ainda estão ocultamente preservadas. Conforme aponta Benjamin, a ruptura desses elos das forças sociais intergeracionais é o maior perigo de que as novas gerações sejam subsumidas enquanto instrumentos para exploração do capital, e que pouco conhecem do histórico de lutas no embate entre capital e trabalho.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da

---

<sup>2</sup> Em março de 2008 foi assinado o Protocolo Agroambiental, entre o governo de Estado e a Organização dos plantadores de Cana da Região Centro Sul do País (principal fornecedora de cana do país) o qual estabeleceu o cronograma gradativo de eliminação do trabalho do corte manual da cana com a data de 2014 para mecanização completa de terrenos com menos de 30 graus de declividade, e 2017 para áreas que apresente aquela topografia, o que representará importante impacto no número de postos de trabalhos de cortadores de cana.

tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador, ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1940, p.7).

Quando das primeiras indagações aos estudantes secundaristas, sobre os conhecimentos que detinha da greve dos canavieiros de 1986, de forma unânime, obteve-se a negativa sobre esses fatos. O tema da greve, enquanto instrumento legítimo da classe trabalhadora por reivindicações de direitos políticos, sociais e humanos, apresentava-se apenas como um tópico de história, dentro do conteúdo do currículo de Sociologia para o Ensino Médio do Estado de São Paulo. Fenômeno conhecido, mas estático em gravuras do livro didático que remetiam à Inglaterra, do século XIX.

Ao se questionar sobre a trajetória de familiares que trabalharam ou trabalham no corte de cana, permitiu-se o início do contato desses jovens, com a materialidade das condições de trabalho e vida dos canavieiros, posto que alguns as vivenciam e as conhecem a partir da experiência de seus familiares (pais, mães ou irmãos). Este foi processo de conexão gradual, com uma realidade que não está cristalizada no passado, e que produz efeitos de forma a permanecer presente. Esse processo pedagógico de reflexão foi o que impulsionou o primeiro pedido de pesquisa aos alunos, para que buscassem artefatos materiais, que ainda preservam a memória da greve dos canavieiros de 1986, na cidade de Leme, o qual será apresentado no próximo tópico.

Assim, inscrito na perspectiva do materialismo histórico de Benjamin, os pontos teóricos para orientar essa ação de rememoração parte do desafio em não se resgatar o passado, exatamente como uma reprodução dos fatos ocorridos. Até porque, ainda permanecem polêmicas as interpretações sobre as intenções das forças sociais envolvidas naquele movimento de greve e os resultados obtidos. Isso por que, ao se consultar os jornais de vinculação nacional do período e o processo judicial constataram-se que os dois casos de homicídios dos trabalhadores, ocorridos no embate entre policiais militares e canavieiros grevistas, permanecem inconclusos. Não se sabe até hoje de onde partiram os tiros.

A morte da empregada doméstica Sibebe Aparecida Manoel (negra, 17 anos) que participava e apoiava o movimento dos piqueteiros, ocorreu quando ao correr da tropa de choque da Polícia Militar que dispersava os canavieiros grevistas, foi atingida na axila esquerda por projétil de arma de fogo, o qual transfixou seu corpo, sendo a causa da morte atestada por hemorragia interna aguda. No caso do trabalhador rural, Orlando Correa (branco, 22 anos), ele encontrava-se afastado por acidente de trabalho, ao se ferir na perna esquerda com o podão, no corte de cana. Mesmo, assim, estava apoiando os piquetes. Na ocasião do conflito foi atingido na região do peito à altura do bolso direito da camisa, projétil que transfixou seu coração, sendo a causa da morte também atestada por hemorragia interna aguda.

Assim, cabe indagar o porquê do apagamento ou silenciar sobre aquele fato? Por que não existem monumentos que enalteçam a lutados trabalhadores canavieiros, ou mesmo pode-se perguntar porque os trabalhadores mortos não foram eternizados em nomes de ruas na cidade de Leme? Inquietações que reforçam a perspectiva da grande

marcha empreendida pelo progresso capitalista agrário paulista, em tornar vazio e homogêneo o tempo social no qual ele se estrutura, na conservação e no apagamento constante das histórias das lutas sociais e nos espraíamentos dos mares de cana.

Portanto, a busca por imagens de reminiscências pretendeu extrapolar a perspectiva curricular estática, da greve enquanto um instrumento de luta do passado. Justamente ao se apontar as forças sociais e instrumentos de luta anulados provisoriamente como se fossem do passado, mas que permanecem como potenciais de realização de perspectivas de um vir a ser, que constantemente é desacreditado no presente. Portanto, um futuro do passado que ainda não se realizou no presente.

Procurando resgatar as intenções que existiram a respeito do nosso presente, enquanto ele ainda era uma perspectiva de futuro, juntamente com as iniciativas malogradas da construção desse possível futuro, que hoje é o nosso presente é que se sabe que o presente, tal como ele é vivido agora, poderia ser outro.

[...]

Na tentativa de resgate dos desejos não realizados, é que o nosso presente pode dar ainda alguma resposta ao passado.

[...] lembranças de situações vividas que foram esquecidas, com a possibilidade de que essas reminiscências tragam significado, luminosidade, para o momento presente(PENIDO, 1989, páginas 64 e 65, grifos nossos).

Corroborando, nesta fundamentação teórica a perspectiva de Paul Ricoeur (2007), ao propor a valorização de elementos subjetivos na objetivação da história. Assim, tem-se a questão de que o processo de rememoração envolve tanto a busca por reminiscências coletivas, mas que explicitem os particularismos da trajetória de cada aluno, para construção de uma interpretação individual e que contribua coletivamente, na elaboração painéis de ideias (ANTUNES, 2010) e interpretações do fato histórico em tela.

[...] os gregos tinha dois termos, mneme e anamnesis, para designar recordação, mneme, para recordação como algo passivo[...]

[...] a abordagem pragmática da anamnésia propiciará a transição adequada da pergunta “o que?”, tomada no sentido estrito de uma investigação dos recursos cognitivos da lembrança, para a pergunta “quem?”, centrada na apropriação da lembrança por um sujeito capaz de se lembrar de si. (RICOEUR, 2007, p. 24).

Não se exclui deste processo, que a negativa de conhecimento dos alunos pode ser uma dimensão de um processo de silenciamento traumático empreendido pelos próprios sujeitos que participaram da greve, o que não implica no seu apagamento. Conforme sugerido por Silva “[...] à negação dos momentos mais traumáticos do passado, sintoma de patologias coletivas ou individuais da memória e que se traduzem não pelo esquecimento, mas pelo silêncio”(2002, p. 430).

Assim, a metodologia didática adotada implica em dinâmicas pedagógicas que visam à rememoração através de situação que permitam à construção do conhecimento e ao mesmo tempo o acesso à memória, na gradual construção de murais de ideias (ANTUNES, 2010). Priorizaram-se as plataformas do texto escrito e da oralidade. Buscou-se atentar aos estudantes, que esse processo tem por fundamento consolidar o conhecimento dos fatos a partir de diferentes dinâmicas, como o conhecimento sobre a metáfora do anjo da história proposto por Walter Benjamin, a partir da obra *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee, para compreensão da alegoria de que a ideologia do

progresso no capitalismo traz incutida a ideia de marcha ou avanço linear, e que pouco se busca rememorar caminhos não trilhados, mas que foram iniciados, no embate de resistência a esse fluxo que busca apagar vestígios dessas outras trilhas.

A leitura de trecho do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1996), sobre o encontro do personagem com Pandora, no relato de seu delírio, propiciou aos alunos a reflexão de que não basta serem expectadores passivos dos fatos históricos, e sim despertarem para suas inscrições enquanto sujeitos históricos que fazem a história de seu tempo, e tem a necessidade de investigar lacunas, de histórias ainda não contadas, sobre o passado das lutas sociais de seu município.

A posterior vinculação do vídeo *Califórnia Brasileira*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves permitiu aos estudantes o contato imagético com o passado de lutas e das forças sociais que as mobilizaram.

A leitura e análise de dez reportagens Folha de S. Paulo, que retrataram os fatos do dia 11 de julho de 1986, os quais tiveram repercussões nacionais no cotidiano da vida política brasileira, permitiu aos estudantes dimensionarem a importância de se impulsionarem na rememoração e esclarecimento dos fatos ocorridos durante a greve. Por último, a leitura coletiva do relatório de conclusão que processo judicial sobre os homicídios e repressões ocorridas no embate entre trabalhadores e polícia militar, possibilitaram a busca de narrativas implícitas e ainda não contadas, reforçadas pela inconclusão do processo.

Portanto, atentou-se para uma permanente reatualização da visão dos sujeitos que investigam as possibilidades de permanência no presente, de elementos simbólicos que marcam a memória do passado da greve, e principalmente, que se buscasse projetar as reminiscências das memórias dos investigados, as quais permanecem silenciadas.

### **III – Imagens que relampejam: a memória das lutas dos trabalhadores canavieiros no imaginário sociológico de estudantes secundarista.**

Como apresentado, o projeto de rememoração das reminiscências das lutas sociais dos trabalhadores canavieiros, ocorreu dentro do projeto intitulado *Memória Viva das Lutas dos canavieiros de Leme*, desenvolvido em uma escola pública do município de Leme, em complementariedade a proposta curricular do Estado de São Paulo, para disciplina de Sociologia. Neste tópico busca-se fazer um relato, no sentido de sistematizar as ações desenvolvidas, os principais desafios enfrentados e resultados atingidos até o presente momento.

As atividades desenvolvidas iniciaram em março de 2013, quando ministrava aula de sociologia no terceiro ano do ensino médio, e ao se deparar com a proposta curricular de se abordar o texto de Engels: *The great towns*, que compõe o livro *The condition of the working class*, traduzido por Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins, sobre a condição do operariado, na Inglaterra do século XIX. A proposta didática da atividade era que os estudantes elaborassem um texto que apontassem os direitos violados e possibilidade de luta política da classe trabalhadora, daquele contexto. Quando inqueridos sobre o conhecimento de lutas sociais empreendidas pelas classes trabalhadoras, do município de Leme, e se conheciam história da greve dos canavieiros de 1986, houve interesse dos secundaristas. Um jovem relatou que ouvira histórias de seu pai, contudo não sabia explicar o que havia acontecido.

De forma breve, apontei que foi um importante movimento grevista de luta por efetivação na melhoria das condições de vida e trabalho dos canavieiros do município,

com repercussões para vida política nacional. Passados vinte e sete anos, o processo penal com mais de mil páginas, era inconcluso sobre os acontecimentos que vitimaram dois trabalhadores, Orlando Correa e Sibebe Aparecida Manoel, em piquete realizado no dia 11 de julho de 1986. Para além de uma atividade de pesquisa escolar, em se propor que os estudantes buscassem outras informações, foi realizado o seguinte desafio, que os estudantes, iniciassem uma pesquisa social em identificar elementos simbólicos e matérias que ainda preservam as memórias daquele embate.

O primeiro desafio foi investigarem o nome da rua onde ocorreram os piquetes e os assassinatos dos dois trabalhadores. Deixei como dica o nome do bairro. Os resultados foram apresentados na semana seguinte, e para surpresa, a rua palco do conflito José Baldin, teve seu nome alterado para Joaquim Ortiz de Camargo. Um dos alunos inquiriu sobre um símbolo religioso, a imagem de uma Nossa Senhora, encrustrada em um muro de uma casa na esquina da rua. Ao proceder com a comparação com fotos da época retratado nos jornais, foi possível verificar que tal simbologia é uma reminiscência que permanece como memória daqueles acontecimentos. Muitos alunos ficaram surpresos com essa descoberta, posto que naturalizaram aquela imagem apenas como um símbolo de devoção religiosa. Não sabiam a origem de sua história.

A partir desta experiência, despertou o interesse em se dar continuidade desse processo de rememoração em outras salas, dois segundos e três terceiros colegiais. A pouca maturidade dos adolescentes dos primeiros colegiais, impediu o desenvolvimento da atividade. Cabe destacar que a escola pública, fica no início de uma das vias que faz confluência com a rua que foi palco dos piquetes e do trágico conflito com a polícia. E os perfis dos secundaristas são de moradores dos bairros nas proximidades destas vias.

Para estabelecer uma periodicidade neste projeto, foram propostas atividades a cada quinze dias ou no mínimo mensais. Iniciou-se então o projeto com cinco salas, dois segundos colegiais e um terceiro colegial diurnos. Foi elaborada uma palestra inaugural na qual se apresentaram-se os conceitos de Benjamin sobre o materialismo histórico, principalmente, sobre a metáfora proposta com o anjo da história. Em uma das salas um aluno ao pesquisar com um celular sobre imagens desta alegoria do *Angelus Novus*, conseguiu-se encontrar além da figura de Paul Klee, uma releitura do artista Graham Budgett, intitulada *The Angel of History, Der Engel der Geschichte*, de 1987, a qual foi incorporada na apresentação nas demais salas. Nela a estrutura é mantida, o anjo empurrado violentamente pelo progresso, virado de costas para o futuro, contudo o progresso é simbolizado pela explosão do cogumelo nuclear. Essa simbologia mais forte, que despertou o entendimento crítico da marcha do progresso no capitalismo.

De maneira subsequente nesta apresentação foi proposto a leitura de trecho do Capítulo 7, da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, como uma síntese desta imagem do anjo da história, no diálogo entre Brás Cubas e Pandora, e a necessidade de se reatar não as origens dos séculos, como proposto na obra literária, mas em se buscar outros caminhos não trilhados impulsionados pelas lutas sociais que são os motores da história da humanidade.

Outra atividade realizada foi a exibição do vídeo *Califórnia Brasileira e Guariba 1984*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves. As imagens, principalmente, do segundo filme, trouxeram inquietações do significado da violência pelo aparelho repressor do Estado. Para muitos estudantes foi fundamental a explicação do conceito de repressão nas sociedades de classes sociais antagônicas. Quando no primeiro filme apareceram imagens da praça da matriz da cidade de Leme e das manifestações dos grevistas, alguns secundaristas perguntaram se havia algum filme sobre a greve de Leme,

neste momento os convidei a realizarem esse documentário, já que dispõe de plataformas móveis que permitem gravarem pequenos depoimentos. Entretanto, pedi que aguardassem, para que construíssemos um processo de conhecimento prévio sobre a realidade da memória social que buscaremos investigar. Esse processo de produção audio visual ainda está em curso.

Assim, foi fundamental a etapa da leitura e análise de texto de dez reportagens do jornal Folha de S. Paulo, que retrataram os fatos do dia 11 de julho de 1986. Em paralelo utilizou-se a concepção das obras de Marx para o entendimento das forças sociais envolvidas em uma situação de greve. Pedido aos alunos que identificassem e respondessem a um roteiro de questões, quando da leitura deste material. Como diagnóstico identificou-se o resultado do questionamento dos secundaristas de qual força social partiu a violência física que desencadeou a mortes dos dois trabalhadores. Para responder esse questionamento elaborou-se a atividade da leitura de trechos do relatório de conclusão que instruiu o processo judicial sobre os homicídios ocorridos. Eles permitiram aos alunos a composição sociológica de um quadro mais complexo das forças sociais atuantes no movimento grevista, o qual será apresentado no próximo tópico.

#### **IV- A rememoração em curso**

No processo de rememoração em curso além dos referenciais teóricos apontados buscou-se contemplar as diretrizes de habilidade e competências presentes no currículo de sociologia do Estado de São Paulo, em fomentar atividades que desenvolvam a interpretação e análise crítica de fatos e eventos históricos brasileiros, inscritos numa abordagem regional. Fortaleceu-se também o entendimento de diferentes formas de atuação política da população, e que continuam como legítimas das lutas sociais. Buscou-se desenvolver a postura crítica frente aos conflitos sociais, as inequidades, de forma a reconhecer e identificar as principais reivindicações dos movimentos sociais contemporâneos. A seguir, são apresentados resultados das memórias produzidas pelos os jovens de escolas públicas sobre esses acontecimentos, a partir das composições de textos individuais produzidos, das interpretações dos estudantes, após realizarmos a leitura coletiva de 10 reportagens do jornal Folha de S. Paulo (12 de julho de 1986) e trechos do relatório final do processo judicial. Em outro artigo Aroni (2013) foram apresentados os resultados da entrevista realizada por uma aluna com a avó maternal, que vivenciou o contexto e uma entrevista com pai de um aluno, ex-trabalhador canavieiro, que participou da greve.

Os resultados da leitura coletiva dos materiais selecionados para composição de ideias, se deu através da didática inicial da leitura da explicação sociológica do conceito de greve, no livro "*Sociologia para o ensino médio*" de Tomazi (2007). Logo após, os alunos foram separados em grupos de até cinco alunos, os quais ficariam conforme a sala, com uma ou duas reportagens. A atividade programa era para que respondessem questões: de quais as causas reivindicadas pelos trabalhadores para greve, quais as forças sociais envolvidas, por que a greve teve repercussão nacional e internacional, por que ocorreram mortes e quais os direitos fundamentais que ainda permanecem violados? Desta dinâmica o quadro coletivo de ideias de que a greve pautava reivindicações pela mudança na forma de aferição na produtividade do corte, de peso para metro linear. A interpretação de que a greve ocorra em três momentos: 1) fora iniciada fora de Leme, trazia também forças sociais em prol da reforma agrária, 2) a partir do momento que fora declarada ilegal, sugeriram os piquetes e incêndios em canaviais, 3) aumento da tensão



social e chegada de políticos do Partido dos Trabalhadores com orientações e uso político da situação. O direito fundamental ainda violado é a justiça para os mortos do conflito.

Da leitura dos trechos do processo judicial a atividade proposta foia elaboração de um artigo de opinião, no qual buscou instigá-los a produzirem as memórias dos eventos. A seguir são transcritos alguns trechos destas redações:

Neste período a cidade de Leme-SP enfrentava problemas de incêndios nos canaviais, mas não se soube quem eram os autores, se os trabalhadores ou se os usineiros. E até os dias de hoje, 2013, não se desvendou quem foram os verdadeiros autores dos incêndios. [...]

[...] Sabe-se que a mudança dos tempos da ditadura militar para a democracia interferiu de certa maneira na greve, mas não se sabe até hoje de onde partiram os disparos, tanto os que fizeram vítimas fatais como os outros.[...]

[...] O nome da rua José Baldin foi apagado, mudado para apagar a história, por causa de ter ocorrido duas mortes durante o conflito.[...]

[...] Os piqueteiros que estavam em greve começaram as manifestações impedindo os funcionários que queriam trabalhar, colocando-se em frente aos veículos que levavam outros trabalhadores das usinas. [...]

[...] O Partido dos Trabalhadores entrou no meio do movimento da classe dos trabalhadores canavieiros, por que queriam os votos nas eleições, e hoje em dia (2013) não ficam a favor dos trabalhadores.[...]

[...] Usinas poderiam estar pagando para militares reprimir os trabalhadores grevistas. Os militares defendiam os interesses dos usineiros não dos trabalhadores, o que importava era o produto da cana de açúcar, pouco importava se os trabalhadores estavam em uma situação precária e ganhando mal. O importante era a produção. Os militares zelavam pela segurança dos trabalhadores rurais que estavam no ônibus, mas não por bondade e sim por interesse da usina. [...] Quem atirou nesses dois jovens? Um tiro tão perfeito nos dois jovens será que foi ou não um policial militar? Até hoje (2013) não sabemos quem foi o possível atirador![...]

[...] Concluimos que na década de 1980 ainda havia muita repressão contra aqueles que lutavam por direitos, por isso houve um conflito entre policiais e grevistas, o Brasil estava passando por um processo político, onde havia ainda a ditadura militar, mas que caminhava para a democracia.(Trechos das redações dos estudantes secundaristas, escola Newton Prado, Leme/SP).

Conclui-se com o questionamento dos trechos transcritos de possíveis lacunas e memórias ainda não acessadas desta história, a indignação com o fato de que nunca se conseguiu chegar aos assassinos, portanto, não ter havido justiça e sim um processo de apagamento e silenciamento da memória. Processo que impulsionou alguns do jovens a contactarem pessoas que estiveram diretamente envolvidas com a greve ou presenciaram os acontecimentos do piquete no trágico dia 11 de julho de 1986.

## V – Conclusão

No presente artigo buscou-se apresentar discussões referentes ao processo de rememoração das lutas sociais dos canavieiros, na cidade Leme/SP. A partir de referenciais sociológicos e da história problematizaram-se os efeitos do processo de silenciamento nas recentes gerações de secundaristas sobre os significados daquelas lutas. Buscou-se fundamentar-se no referencial teórico e metodológico da pesquisa de reminiscências matéricas, simbólicas e de memória em se identificar as forças sociais anuladas provisoriamente no passado, mas que permanecem como potenciais de realização de perspectivas de um vir a ser, que constantemente é desacreditado no presente. Portanto, um futuro do passado que ainda não se realizou no presente. Principalmente, com os desafios que se avolumam, com a perspectiva do fim do trabalho canavieiro, e elevação da taxa de desemprego nas famílias de alguns destes estudantes. Pretende-se dar prosseguimento com a pesquisa, na produção do acesso a novas memórias, coletas em registros imagéticos, e que projetem os conteúdos desses conhecimentos, numa composição intergeracional.

## V – Referência Bibliográfica

ANTUNES, Celso. Manual de Técnicas de Dinâmicas de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia. Editora Vozes, 2010.

ARONI, Rafael. A Memória da greve dos canavieiros nos imaginários sociológicos de estudantes secundaristas no interior paulista. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, Salvador Bahia, 2013.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de BrásCubas*. Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BERTERO, J. F. . O embate entre o capital e o trabalho: as greves no meio agrário paulista na década de 1980. *Perspectivas Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17/18, 1995.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História, In:Obras Escolhidas. Trad. Paulo Sérgio Rouanet, São Paulo, ed. Brasiliense, 1985.

PENIDO, Stela, "Walter Benjamin: a história como construção e alegoria", O que nos faz pensar, Cade Idissociabilidade memória como apagamento ou conservação.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882002000200008>.

TOMAZI, N. D. Sociologia para o ensino médio. São Paulo, Atual, 2007.